

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O S. NICOLAU EM GUIMARÃES.

SILVA, Domingos Ribeiro Dias da

Ano: 1923 | Número: 33

Como citar este documento:

SILVA, Domingos Ribeiro Dias da, O S. Nicolau em Guimarães. *Revista de Guimarães*, 33 (2-3) Abr.-Set. 1923, p. 170-183.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O S. NICOLAU EM GUIMARÃES

Trechos da conferência recitada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Domingos Ribeiro Dias da Silva, no Teatro D. Afonso Henriques, na noite de 8 de Dezembro de 1920, em que os «Velhos Estudantes», celebrando as suas bodas de prata, levaram à scena o «Auto de Saudade», da autoria do inteligente : : escritor vimaranense P.^e Gaspar Roriz ; :

Minhas Senhoras e meus Senhores :

.....
De norte a sul do país, nesta bendita terra portuguesa, não há lugarejo, que não tenha o seu costume, a sua lenda, a sua tradição. Desde Monção ao cabo de Santa Maria não há classe que não tenha os seus folguedos, desde a mais distinta e culta à mais humilde e analfabeta.

O povo português em especial, os latinos em geral, tem em abundância festas e folguedos para mitigar as agruras da vida, para dar largas ao seu espirito, para expandir a sua alegria de meridional. São as festas aos patronos, são as romarias, que na sua origem foram produto do religiosismo sincero da alma simples do povo e que com o tempo foram tomando um carácter profano, mais ou menos recreativo. A romaria portuguesa, a romaria do Minho sobretudo!... ? Quem há aí que não tenha sentido a beleza, a poesia, o encanto sugestivo do S. Torcato, do S. João, do Senhor da Pedra? ? Quem há aí que não tenha usufruído horas felizes ao subir ao cimo dum outeiro, onde numa capelinha, numa ermida branca se festeja uma Nossa Senhora da Saúde, do Alívio, ou outra invocação qualquer? ? Quem

há aí que não ache em extremo belo observar a alegria com que os nossos romeiros, estrada adiante, em alegres descantes, vão a caminho do S. Bento da Porta Aberta?

Desde o humilde lavrador que festeja os seus santos protectores nas ermidas do outeiro mais próximo, desde o humilde artista que festeja o seu *S. José* ou *S. Joaquim*, conforme o seu mister, até às superiores *élites* da intelligência, todos teem na terra lusa a sua festa tradicional.

A academia vimaranense não podia fazer excepção. Tem também uma festa, e bem característica ella é, cuja origem se perde na noite dos tempos. E' a festa a S. Nicolau, que ella tomou para patrono. Nicolau, bispo da Lidia, segundo rezam as crónicas sacras, foi um santo bispo que se notabilizou na virtude, por ter evitado com a sua assistência moral a perda de três virgens. Mas a razão por que a academia de Guimarães o tomou para padroeiro, não foi certamente o facto de ter libertado as supracitadas virgens das garras do peccado, para o qual seriam arrebatadas, mercê da fragilidade humana, se não fôra o seu conselho e assistência. Não, a razão foi outra. E' que diz a lenda sagrada que Nicolau ressuscitara dois estudantes.

E assim, bem ajuizada foi a velha Academia de Humanidades de Guimarães, os estudantes de Latim e Lógica do Instituto Escolar de Nossa Senhora da Oliveira, tomando-o para padroeiro. E' que Nicolau podia através os séculos continuar a operar o grandioso milagre da ressurreição, não da morte, mas duma possível reprobção. Devo notar porém que o meu amigo Jerónimo Sampaio contou-me muito intimamente e com certo desgosto, que apesar de ser o mais fervoroso devoto que Nicolau tem tido, e com isso concordam V. Ex.^{as} plenamente, nem sempre Nicolau nos seus tempos de estudante foi para com elle duma gentileza a tôda a prova. Ingrato e brejeiro Santo!...

As festas Nicolinas, disse eu, perdem-se na noite dos tempos. Com effeito assim é. Mas quando os documentos falham, é lícito ao investigador do passado lançar mão da conjectura.

E assim, sendo um facto que na Costa foi criado um colégio em 1541, junto ao convento dos frades que

ali viviam, e no qual foram educados dois filhos de D. João III, que muito protegeu o referido Colégio, eu sou em afirmar que devia ter sido nesta altura feita a escolha de S. Nicolau para padroeiro, e por esta altura também a origem da Nicolina festa.

E a minha conjectura não deve andar muito longe da verdade, porquanto logo a seguir, em 1675, o Arcebispo de Braga, D. Veríssimo de Almeida, visitando a Colegiada de Guimarães, escreveu no livro das visitas: «Mandamos ao sacristão desta Sé e a qualquer pessoa que tiver jurisdição na sacristia com pena de excomunhão, por si nem interposta pessoa, empreste alguma capa de asperges para os estudantes ou outra qualquer pessoa andar a cavalo no dia de S. Nicolau bispo em companhia dos escolares, causando turbações na vila e muitas indecências a que convém, por este, pôr termo.»

De mais é a opinião autorizada de Martins Sarmiento e Albano Belino que afirmam datarem os primeiros estatutos da Associação Escolástica de Guimarães do ano de 1636, nos quais já se referia a antiguidade das festas de S. Nicolau. Datam, pois, as festas Nicolinas do meado do século XVI, a não datarem dos tempos da *Velha Araduca* — cidade das letras. Nos arquivos de N. S. da Oliveira há uns velhos palimpsestos, relativos à antiguidade da Irmandade de S. Nicolau, ali erecta, privativa dos estudantes ou membros da Associação Escolástica, irmandade de rigorosas exigências, pois ordena até que os irmãos, nas procissões, vão de casaca, luva branca, camisa engomada e não sei que mais. De notar é, porém, que está decadente, tendo apenas uma dúzia de irmãos. Mais uma vez ainda o Jerónimo Sampaio, que anda a ver se a faz sair da sua letargia, se mostra fervoroso devoto do santinho que para êle tem sido duma dura ingratição. E para surpreender não é que em breve êle consiga inscrever, como irmãos, todos os alunos do nosso Liceu, que a êle tudo devem como organizador das festas Nicolinas, através os anos.

Enfim todos estes factos demonstram a antiguidade das Nicolinas e podem formar o que eu chamo a sua pre-história. Entremos na história propriamente dita.

De 1837 há uns estatutos na Sociedade Martins Sarmiento, que eu pude ver. Neles se afirma serem as

festas imemoriais e são regulamentadas pouco mais ou menos como ainda hoje são celebradas. Neles se fala das prerrogativas e posses da Associação Escolástica e sua regulamentação. O fim desta Associação, com sede na rua das Lamelas, era promover no dia 5 de Dezembro as festas a S. Nicolau, segundo a velha usança.

Podiam pertencer à Associação Escolástica todos os que eram estudantes e todos os que o tivessem sido, desde que não casassem ou não tomassem profissão baixa e desonrosa. Todos os eclesiásticos de Guimarães pertenciam à associação por direito próprio. A propósito de profissões vis, incompatíveis com a qualidade de associado, eu pude encontrar uma sentença interessante, dada pelo conselho judicial da Associação Escolástica (ela tinha atribuições judiciárias) em que era absolvido um estudante acusado pelo ministério público da Associação de exercer uma profissão desonrosa para a mesma, qual fôsse ser empregado no café de seu pai.

Nestes tempos de castas e privilégios, de foros e imunidades, em que abismos profundos separavam as diferentes classes sociais, nada nos deve surpreender que a Associação Escolástica gozasse de regalias que nestes tempos de igualdade civil seriam absurdas e paradoxais.

E' assim que os seus estatutos, os de 1837, ordenavam que se applicasse a pena tradicional aos que fraudulentamente se metessem na festa. ; Querem V. Ex.^{as} saber qual era? Um banho forçado em gélido Dezembro, no antigo chafariz do Toural, que hoje se encontra no Carmo, ou na fonte do Passarinho. Da severidade desta pena conclui-se a *importância* que as festas já tinham então, pois se elas não fôsem brilhantes, ninguém ousaria intrometer-se nelas; assim como da mesma severidade se aquilata do espirito da briosa de então, que ciosa dos seus privilégios, severamente punia os intrusos.

Estes eram sempre os caixeirinhos, que já nesses tempos remotos se supunham apenas dois furos abaixo do estudante. E assim ousavam aproveitar as Nicolinas de então para dirigir também madrigais às senhoras e costureiras da época. Daí as rixas, daí o Chafariz, daí a Fonte do Passarinho, onde o janota era lavado à força, do que bem carecia, pois no dizer dum inteligente au-

tor de bando escolástico, o caixeiro desde que nasce até morrer não lava a camisa (o corpo).

Dai em quasi todos os bandos apparecer a frase consagrada, a respeito do caixeiro intruso:

Ah! Nem penses em tal... que num segundo ao tanque do Toural vais ver o fundo.

Estas festas a Nicolau só *in nomine*, pois do seu carácter religioso nada reza a história, deviam antes chamar-se festas às *Senhoras de Guimarães*. As verdadeiras padroeiras são elas no decurso da sua história. Na verdade, de longa data, de 1800 pelo menos, eu só encontro nos bandos das Nicolinas, apoteoses ao amor, hinos e madrigais às senhoras de Guimarães, e galanteios às formosas e azougadas *midinettes* do burgo. O tema forçado é o amor. Somos assim levados à conclusão de que Nicolau era um símbolo, para encobrir intenções reservadas.

Que feliz ensejo não eram as Nicolinas para os velhos estudantes de humanidades do Instituto de Nossa Senhora da Oliveira!... Eram dias de folga, eram ocasiões oportunas para dar largas aos seus corações enamorados por uma ou outra gentil costureira, eram dias de liberdade, eram oásis de pândega e reinação, no meio da sua vida hierática, ascética, monástica com os velhos e rabugentos cónegos da Colegiada que em alguns bandos são violentamente satirizados pelos académicos.

Por vezes os bandos teem até uma linguagem tam violenta, que são prohibidos de ser recitados e os seus autores presos. Assim aconteceu em 1825 ao Dr. Agostinho Vicente Ferreira de Castro e Freitas, por ter escrito o pregão de S. Nicolau. Não pude averiguar qual a razão. Em 1844 o espirito mordaz do Dr. José Joaquim Pereira Caldas insulta o Cabido, chamando-lhe mui claramente ladrão no bando que estava redigido numa linguagem assaz livre. Não foi permitido recitá-lo. Em 1853, como se estivesse de luto por morte de D. Maria II, não houve festas. Mas em Janeiro do ano seguinte, os senhores commerciantes lembraram-se de sair para a rua com um bando intitulado *comercial*, diga-se de passagem pèssimamente redigido, sem inspiração alguma.

Imagem, V. Ex.^{as}, que em vez de oferecer maçãs às senhoras, como o faziam os estudantes, ofereciam-lhe laranjas. Infeliz e prosaica ideia! Laranjas às senhoras! (Ainda se fôsse em Julho!). E falavam nesse bando já em igualdade civil, mostrando a sua hostilidade para com o foro acadêmico. Era a igualdade civil em elaboração que dominava os espíritos e que veio a ter plena consagração no código civil de 1868.

Em 1861 não houve festa Nicolina, como manifestação de sentimento pela morte do senhor D. Pedro V.

Em 1865 o autor volta à carga ao caixeirinho intruso nas festas :

E não pense por 'i casquilho insulso
vir extremos de amor render avulso.
Não se arroje a meter o seu nariz...
No Toural ainda existe o Chafariz,
onde se aplica com rigor a pena
que na lei escolástica se ordena
aos transgressores de qualquer artigo
dum código sublime e mui antigo.
E se o progresso resolver a glória
daquele chafariz passar à história,
tomar-se-há o transversal caminho
em direcção à poça do *Toucinho*.

De 65 a 84 celebram-se as festas Nicolinas com muito brilho. Mas para não fatigar a atenção de V. Ex.^{as} apenas lhes evocarei os nomes dos principais colaboradores, alguns dos quais são ainda hoje vivos: Nicolau Felgueiras, P.^o António Caldas, Domingos Ribeiro da Costa Sampaio, Moreira de Sá, Pindela, P.^o Veiga, António Carneiro, Abreu Vieira, António Chaves, Agostinho Ferra, P.^o Garcia, José de Freitas Carneiro, Joaquim Martins, João Barbosa, João Amaral, P.^o da Bornaria, P.^o Lima, P.^o Monteiro, P.^o Augusto da Assunção Costa, Jacinto Dias, Dr. Andrade e P.^o Casimiro.

De 84 a 95 não há festas Nicolinas, desapareceram... Nicolau foi esquecido, as Nicolinas votadas ao ostracismo. Que seria? Os estudos de latim e Lógica do Instituto de N. S. da Oliveira até 84 serviam de preparatórios, tanto para as carreiras civis, como para a vida eclesiástica. Por isso Guimarães era um centro acadêmico importante, e por isso Nicolau podia

ser festejado. Mas a organização dos Liceus como estabelecimentos forçados para preparatórios das profissões liberais, rouba a Guimarães a maior parte do seu contingente acadêmico e o melhor em qualidade para a pândega Nicolina. Guimarães fica apenas possuindo um estabelecimento de ensino de carácter eclesiástico: *Um Seminário.*

Mas em 96 a Câmara representa ao Governo, pedindo a criação dum Liceu. A 26 de Setembro o pedido é atendido. Guimarães fica tendo um Seminário-Liceu, que era freqüentadíssimo pela mocidade estudiosa de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes.

A Guimarães volta a antiga mocidade e alegria. As festas ressurgem das suas cinzas, com mais brilho, mais alma, mais entusiasmo.

Minhas Senhoras, Meus Senhores :

Sou chegado à geração de 95, cuja vida eu desejo relatar e analisar mais minuciosamente. E' dela que me incumbe falar preferentemente. E' ela que celebra hoje as suas bodas de prata.

Foi essa briosa geração que, tendo à frente Jerônimo Sampaio, fêz renascer a tradição Nicolina mais viva, mais vigorosa, dando assim a Nicolau uma indemnização de perdas e danos satisfatória por 10 anos de condenação às galés do esquecimento.

Mas se esta geração foi verdadeiramente notável, nas festas Nicolinas, ela deve o em grande parte ao mavioso poeta das margens do Vizela, Dr. Bráulio Caldas, o exímio cantor de *As Andorinhas Mansas.*

O Bráulio, o sublime Dr. Bráulio, foi o pregoeiro quasi vitalício, durante 6 anos consecutivos, das festas Nicolinas. Que beleza de versos êle elaborava ! Como Guimarães corria a ouvi-los ! . . .

Em 95 diz êle a V. Ex.^{as} — pela bôca do Jerônimo Sampaio — :

E' posse, é obrigação dar vos as maçãzinhas,
êses pomos de amor, perfeitas, côradinhas,
essa prenda que vai na lança de Cupido
ferir o coração mais duro e ressequido.

.....

Em 96, por intermédio de Luís de Freitas, a vós mulheres do povo que então éreis gentis e gaíantes *costureiras*, diz :

Tricanas desta terra, ó lindas patusquinhas,
que roubais o juízo às nossas cabecinhas,
malmequeres do campo e flores do rosmaninho,
botõezinhos de rosa e rosas com espinho
que nos picam sem dor. E' tecer, é tecer,
fabricai-nos amor, fabricai-nos prazer.

.....

E no bando dêste mesmo ano de 96 às senhoras de Guimarães dirige êle um hino de amor, assim concebido :

Damas de Guimarães, mimosas flores de Lis,
que a cidade adornais e o nosso bando ouvis.
Eva enganou a Adão com a maçã traidora;
mas as nossas maçãs, ó virgem sedutora,
não são pomos de engano ou pomos de discórdia.
Vossa bôca rosada aromatiza-a e morde-a,
libando na doçura amarga essa saudade
de um desejo de amar que tem a mocidade !
Cada um de nós é Adão e a maçã aliança.
A árvore é o balcão e a serpente a lança
conquistando um sorriso, um meigo olhar bendito,
que nem o próprio Deus acusa de maíto.
Se o *Paraiso* fôsse em Guimarães, na terra
que tanta santa tem, que tanto amor encerra,
cândido como a aurora, e de um noivado o véu,
não expulsava o anjo as Evas dêste Céu !
Quem nos dera viver onde viveis... no Empíreo
do vosso santuário, onde rescende a lírio,
a flor de laranjeira... a rosas, a lilases !
Vós tendes um altar no peito dos rapazes.

.....

E a Nicolau refere-se êle no bando de 97, por intermédio do Jerónimo Sampaio, nestes termos :

Nicolau, nosso amor, Nicolau, nosso bem,
que a tua fama vá por êsse mundo além.
Pois basta o nome teu, que a todos nos ensina,
para dar sota e az à gente pequenina.
Silêncio, que a um só gesto audaz da Academia,
no espaço treme o sol, na terra ninguém mia.

.....

Em 98, por intermédio de Álvaro Machado, dirige-se o Bráulio aos caixeirinhos, assim :

Caixeirinhos da moda... ó formosa milícia,
 não vos chegueis a nós... por causa da policia.
 A's escondidas vinde... o tanque está enxuto.
 Se dais cobres p'ra a festa... adeus velho Estatuto.

E a vós, minhas senhoras de então, faz êle uma apoteose assim :

Eleitas do senhor, damas de Guimarães,
 anjos loiros da infância, esposas, filhas, mães.
 O coração da festa é vosso... a antiguidade
 consagrara êste bando à vossa majestade.
 Escravos somos nós, o mundo assim o quer :
 quem manda é o sexo belo, é o reino da mulher !
Dalila arrebatara as forças de Sansão,
 com um sorriso meigo e o fel no coração ;
Vetúria desarmava a cólera de um filho
 quando sitiava Roma à busca de ouro e brilho ;
Natércia foi a estrela e guia de Camões,
 fê-lo herói, guerreiro, e deu-lhe inspirações !
Beatriz, dominando o coração de Dante,
 transformara o Inferno em paraíso amante.
Joana d'Arc, então, salvara a França entre hinos.
E Carlota Corday vingara os girondinos.
Heloisa encantara o sábio Abeillard,
 levou-o ao convento... o amor faz professor !...
 Os próprios Napoleões temeram a *Staël*
 e *Fornarina* dera a glória a Rafael.
 Aqui em Guimarães foi grande *Micaela*

¶ Quem não compreende esta alusão à *Micaela*,
 de todos os vimaranenses, de então, conhecida, a célebre regateira que andava de feira em feira ?!...

Em 99, o Bráulio despede-se da Academia, da rapaziada, pois é o *quinto bando* que faz para as Nicolinas, o que lhe deve dar a formatura em pregoeiro escolástico.

Eis as maviosas quadras de despedida :

A minha formatura em bandos escolásticos
 termina com o quinto, e sinto-me cansado.
 Poeta melhor fará poemas mais fantásticos,
 se não ser que eu fique êste ano reprovado.

Mas ainda que o seja, a vida já registra
profunda, na minha alma, a triste dor lendária !
O sol já tem p'ra mim na luz a côr sinistra
de uma câmara ardente em casa mortuária.

Os crisântemos de oiro, em belo altar bucólico,
já não teem para mim na exposição agradós.
Contemplo-os a scismar, num riso melancólico,
como adornos de campá, em dia de finados.

Por isso perdoai, e não julgueis sorrindo
que a mão que os escreveu tem manchas de maldade.
Fui lutador na vida, e num abraço infindo
despeço-me de vós — Adeus, ó mocidade !

No seu bando de despedida, em 99, dirige êle êste
madrigal a V. Ex.^{as}, minhas Senhoras :

O' donzelas, *élite* excelsa da cidade !
Vereis, vindo em triunfo, a esbelta mocidade,
com seu *Magriço* à frente, os doze de Inglaterra
a defender o amor que a vossa alma encerra.
Venham de todo o mundo os generais primores !
Soldados como nós são mais conquistadores
do que Alexandre o Grande e que Napoleão.
A bandeira, a conquista, é o vosso coração.

.....

Neste mesmo ano refere-se à morte de Sarmento,
chorando-o :

Guimarães, Guimarães, não tens o pranto enxuto.
Este ano, a soluçar, cobriste-te de luto !
Uns crepes de viúva esmagam-te a alegria.
E' pequeno o espaço, a campá da Atouguia
p'ra entesoírar o vulto enorme de Sarmento
na sciência, na arte e mais no sentimento.
Uma estátua há-de ser a perenal memória.
Aos pés chorando a Pátria! E' o pedestal da Glória.

O mavioso poeta não esqueceu nas suas líras es-
colásticas o vulto gigantesco de Martins Sarmento e
sugere uma ideia, que infelizmente até a data não tem
sido levada a efeito. ; Como ficaria bem em Guimarães
uma estátua a Sarmento, indicando aos visitantes que
foi aqui que nasceu, viveu e morreu o grande sábio, o
notável investigador da preístória portuguesa!...

Minhas Senhoras, meus Senhores :

Estamos em 1900, no fim do século 19, no fim do grande século, no século das luzes, no fim do século das grandes conquistas na senda do progresso e do pensamento. Um cantor condigno era preciso para o bando escolástico. Onde encontrá-lo? Não era fácil. O Bráulio despedira-se... ; Mas que importa, se a sua alma sempre grande, está pronta a sacrifícios pelos rapazes?

O Sampaio, o Pádua, o José Roriz e outros vão ao cenáculo de Vizela. O Caldas atende-os mais uma vez. Eis as quadras da sua última despedida :

Vá lá mais uma vez... ficando reprovado,
repito mais um ano a esquelida sebenta.
Assim me aconteceu no tempo assinalado
da Lusa, que no quinto... uns certos afugenta.

Meteu-me nesta festa o demo do Sampaio.
E' para nunca mais, nem sei que mais observe.
Aos novos recorrei, versos e flores de Maio.
Os meus vão desfolhar — são rosas de Malherbe.

Os novos tem mais vida, os versos mais encanto,
inspiração da aurora e flores da Primavera.
Eu... vivo já no Outono — é riso feito pranto !
Castelo arruinado onde vegeta a hera.

Se depois de eu morrer, lembrar-vos a maçada
que seis anos me deste e que não pouco vale,
levai-me uma saudade, ao menos, desfolhada.
Meu espírito evocai... *porque talvez vos fale.*

Recorrei aos novos, disse o Caldas na sua última despedida. E assim teve de ser. Felizmente, um novo apareceu e talentoso, continuador condigno do Bráulio. Foi o Arnaldo Pereira, cuja musa melancólica e triste se adaptou com relativo êxito à índole satírica e humorística do pregão escolástico. E' assim que êle faz *charge* espirituosa e feliz ao progresso do burgo, à política, ao combóio para Fafe, no bando de 1901.

E' uma geração nova que surge, a de 1901, fiel

legatária do brilhantismo das festas Nicolinas. E' outra a gente organizadora das festas, que deseja continuá-las e perpetuá-las, e que, diga-se em abôno da verdade, as continuou e perpetuou com brilho e solenidade, pelo menos até 1903. Mas não é pròpriamente desta geração que me incumbe aqui hoje falar. E se incidentalmente a ela faço referência, é em homenagem ao saudoso Arnaldo Pereira que bem merece a designação de sucessor exímio do Bráulio Caldas, a quem elle presta homenagem nos seguintes e maviosos versos :

Saudemos aqui, num brado inconfundível,
do Bráulio glorioso o nome impercível.
A êle, que deu vòs à nossa festa antiga,
levando-a pela mão, dando-lhe a mão amiga,
e a lira triunfante, e a alma diamantina.
A êle a saudação da capa e batina.

E' em 1901 : os novos desta época festejam o S. Nicolau com pompa e brilho, e a fama dos festejos chega aos ouvidos dos «Velhos», dos aposentados de 95, que dominados pela curiosidade e talvez um pouco pela emulação veem *de visu* observar.

Era preciso mostrar aos novos, que envaidecidos supunham suplantar as Nicolinas da anterior geração, uma palida scentelha do brilho de outrora. Ainda mais uma vez o Caldas evidenciava a sua consideração pela rapaziada aposentada, que de tropel segue a Vizela. Foi numa noite fria e gélida de Novembro de 1901. O Caldas procurava no fogo artificial da lareira o calor que o seu corpo exangue e doentio, minado pela horri-vel tuberculose, não lhe podia proporcionar. Expõem-lhe o fim da missão : era preciso demonstrar aos novos de quanto eram capazes os velhos. O Caldas, com magnitude e prontamente redige a letra das danças, com que os velhos apareceram nas ruas de Guimarães, de surpresa, em 1901 e que V. Ex.^{as} todos conhecem :

Nós somos dez,
apenas dez,
os mandamentos
da antiga lei.
E... vimos em bicos de pés
ver o que fazem
novos e a grei.

Estes novatos do diabo
andam a rir-se dos velhotes;
estes novatos são o diabo
são uns *pichotes*.

Os estatutos
são bem astutos.
Polícias velhos,
vamos espreitar :
se os não cumprirem,
os rapazelhos
palmatoadas
hão-de levar.

Que formosura, que encanto, o diálogo entre as *velhas* e os *velhos*, a recordar beijos, a recordar scenas de amor, a recordar idílios dos tempos idos ! Só a musa inspirada, dum poeta sentimental como o Caldas, o António Nobre de Vizela, podia conceber :

VELHINHAS

Se Nicolau ressurgisse
e viesse a Guimarães,
abraçava esta velhice,
os velhos pais e as mães.

Quantas juras, quantos sonhos
nestas noites encantadas,
encastelastes, risonhos,
às vossas santas amadas !

Hoje folga a mocidade
que é irmã gêmea da aurora ;
a velhice tem saudade
dos velhos tempos de outrora.

Voltam sempre as primaveras,
põe-se o sol, torna a surgir ;
mas o tempo das quimeras
vai de vez, não torna a vir.

VELHOS

Vós, os velhinhos de outrora,
ao ver os moços folgar,
tendes o orvalho da aurora
nos olhos sempre a chorar...

E depois, passando os anos
por cima dos corações,
quantos tristes desenganos,
e quantas desilusões !...

No Dezembro desta idade
são de gelo estes carinhos !
O calor da mocidade...
só nos beijos dos netinhos...

No nosso tempo os amores
nem o outono os murchava ;
o orvalho das nossas flores
nem mesmo o sol o secava.

Que beleza, que poesia encerram estas quadras !
Os velhos mais uma vez provaram aos novos que só
houve uma geração em que as Nicolinas tiveram poesia
e sentimento. Brilhantismo, imponência, tôdas lhes
teem procurado dar na medida do possível. Poesia e

sentimento só os de 95, porque só os de 95 tiveram o Bráulio 6 anos a seu lado.

Bráulio, descansa em paz! A tua memória jamais será esquecida pelos velhos! Foi o teu último pedido. Ele tem sido acatado através os anos. No teu entêrro a *briosa* de Guimarães foi render-te o último preito de homenagem, não te esqueceu, como a Academia de que foste professor. Bráulio, a tua memória vive sempre em cada um dos *Velhos*, e hoje no seu espírito só habita uma imagem — a tua figura meiga e doce — e um sentimento — a saudade —.

(Conclui no próximo n.º).